



Por dentro
da obra

x



o

+



x





Sobre o escritor e o ilustrador

Beto Junqueyra, por ele mesmo

Olá, galera querida!

Sempre gostei de viajar. Desde pequeno eu me aventurava pelos mapas e, com o tempo, comecei a conhecer o mundo. Cresci entre as fazendas de Minas Gerais e as vilas do norte de Portugal, que se tornaram palcos de minhas histórias favoritas. Em meio a tanta fartura para criar, com 9 anos de idade eu escrevi meu primeiro caderno de contos. “A pipa amarela” era o conto de que eu mais gostava. Desde então, não parei de escrever: na escola, na faculdade e nas empresas em que trabalhei.

Foi aos 37 anos que aterrissei (ou decolei?) nessa jornada sem fim que é ser autor de livros. Meu primeiro livro foi *Ratinho, coisa de louco!*, uma biografia bem-humorada do apresentador de TV de mesmo nome. Uma biografia é um texto que conta a vida de uma pessoa, geralmente alguém importante ou muito conhecido, por cuja vida muitas pessoas podem se interessar. As biografias, portanto, não tendem a fazer uso da ficção.

Depois, com Aparecida Liberato, escrevi dez livros de autoajuda, publicados em vários cantos do planeta: *Vivendo*



melhor através da numerologia é o mais famoso e ganhou até um prêmio Jabuti. Se for comparada ao gênero literário romance, por exemplo, a literatura de autoajuda é bastante recente, de menos de um século para cá. Apesar de “nova”, atualmente já é o gênero que mais vende no Brasil. Não há um formato muito fixo para esse tipo de literatura, mas podemos reconhecer um livro de autoajuda quando o objetivo da leitura é fazer o leitor pensar nos próprios problemas ou aprimorar suas habilidades. Como geralmente falam de problemas comuns a muitas pessoas, livros assim costumam criar alguma identificação nos leitores.

Mas, apesar desse sucesso entre os adultos, minha grande paixão é escrever livros para crianças e jovens. Até agora foram quinze obras, entre contos, novelas e, principalmente, romances. Algumas delas são *Pintou sujeira!*, *Uma luz na ilha Escura*, *João e Maria em busca de superpoderes*, *Quem tem boca vai ao Timor*, *A grande descoberta de Gulliver* e *Ecopiratas em Fernando de Noronha*.

O código de Camões e *Deu a louca no mundo*, dois romances de aventura são, sem dúvida, as obras pelas quais tenho mais carinho. *O código de Camões* já foi aprovado no PNLD Literário 2020, para Anos Finais do Ensino Fundamental, e no Kit Literário da Prefeitura de Belo Horizonte.

Se usei o bom humor no primeiro livro que escrevi, adotei esse estilo na maior parte do que escrevo, especialmente em meus romances de aventura. É a forma que encontro para suavizar vários temas sérios que abordo nessas obras.

Bruno Ferraz, ilustrador desta obra, é graduado em Desenho Industrial pela Escola de Belas Artes – UFRJ. Kursou Mestrado em Engenharia de Sistemas e Computação/Computação Gráfica na COPPE/UFRJ e prosseguiu seus estudos cursando doutorado na PUC-RJ. Atua na área de desenvolvimento de narrativas visuais em diversos segmentos como jogos, animação e ilustração. Tem vasta experiência em criação de *storyboard* de filmes animados e gerenciamento de projetos multimídia. *Retornável*, filme de sua produção e direção, recebeu o prêmio Animamulti 2015 (Júri Popular) do Anima Mundi e os troféus Green Nation 2016 (Júri oficial e popular).

Sobre a obra

Olá, cara leitora! Olá, caro leitor! Esperamos que você esteja muito bem e na expectativa de muita aventura, suspense e... atitudes ridículas!

Já pensou em fazer parte de um grupo muito especial de adolescentes e poder viajar de graça pelo mundo, ter acesso a tecnologias de ponta e tentar desvendar mistérios para salvar a humanidade? Ou será que você prefere ficar em casa, postando e curtindo vídeos, viajando nas mídias sociais e acompanhando celebridades e *influencers*? Gosta de ler, aprender e discutir os assuntos que impactam em sua vida e na vida das pessoas que conhece? Ou um pouco de tudo, mas depende da hora? Bom, seja como for, *Deu a louca no mundo* é garantia de diversão e boas reflexões!

O livro foi escrito por Beto Junqueyra e ilustrado por

Bruno Ferraz e narra a aventura dos *Natos*, um grupo do jeitinho que a gente descreveu. Mano-Loço, Tobi e Luzia, sempre acompanhados pelo Mestre Alceu, tentam desvendar mistérios por trás de atentados terroristas e de um plano um tanto controverso das autoridades para restabelecer a segurança mundial. Acompanhada de muita tecnologia e liderada por Mestre Alceu, essa equipe viaja pelo mundo e convida você, leitor, a ir com eles e refletir sobre temas como violência, controle da liberdade, vaidade e influência das celebridades, entre outros.

Bom, sem dar muitos *spoilers*, uma das principais propostas para combater a violência pode levar à implantação de um *chip* de “controle” em cada habitante do planeta. Já imaginou? Esse cenário parece um pouco sombrio, mas levanta discussões muito presentes na vida de todas as pessoas. Por exemplo, podemos pensar em quais seriam os limites da vigilância, de que maneira as celebridades influenciam e, também, o contrário, visto que se adequam às demandas, como se criam as necessidades de consumo, por que existem e quais são as expectativas de comportamento social, entre outras questões.

E antes que você pense que o livro vai ser “pesadão” ou cansativo, já adiantamos que você vai encontrar boas doses de humor, grandes mistérios, muita ação, aventura e bastante sensibilidade. Helô desaparece em consequência de um dos misteriosos atentados terroristas ocorridos em quatro lugares distintos do planeta. A garota é a namorada de Mano-Loço, um garoto de 13 anos muito corajoso, curioso e criativo. Filho de um casal de perfumistas, o garoto é hábil na manipulação de fórmulas que resultam em “armas” poderosas: ele inventou o gás do ridículo, que faz as pessoas contrariarem

seus princípios. Elas dizem e fazem coisas, digamos, bem inesperadas, como um jogador de futebol mundialmente conhecido comemorar o gol comendo grama.

Sobre o gênero

Você já deve ter percebido que a literatura tem um poder incrível. Muito antes dos voos civis ao espaço e até mesmo dos aviões movidos a energia solar, a literatura era um caminho para mundos novos e que talvez nenhuma outra pessoa tenha imaginado antes de ler determinada obra. Para ser mais exato, mesmo antes de existir leitura e escrita os seres humanos já contavam histórias! E tudo isso sem sair do conforto da caverna, da sombra de uma árvore e, então, do tapete, da cama, ou do seu espaço de leitura preferido.

Você viaja sem tirar os pés do chão, apenas com o poder da imaginação! Então, ler estimula sua criatividade, aperfeiçoa suas habilidades de compreensão do mundo e amplia seus repertórios para vários temas. Tudo o que você lê deixa uma marca, uma sensação, uma experiência sobre o universo descrito, o autor, os personagens. Acima de tudo, o que você lê, ainda que sem querer, muda alguma coisa em você mesmo.

Basta notar! Acontece com todo mundo que tem contato com uma história. Muitas vezes, sentimos como se fossem nossos as angústias, os medos e as alegrias dos personagens. Como você viu na seção anterior, Mano-Loço e os Natos enfrentam diversos desafios, muitos dos quais podem se parecer com alguma coisa que você já viveu e experimentou. Sabemos que muitas coisas

no livro são fantásticas demais para vivermos no dia a dia. Mas qual é o limite da nossa imaginação? Arriscaríamos dizer: imenso, no mínimo! O que você acha?

Existem muitas maneiras de ter contato com uma história. Pode ser algo que algum amigo lhe conta ou que você vê acontecendo. Pode ser a história de um jogo de *videogame*. Algumas letras de música contam histórias. Enfim, você já deve ter pensado em muitos outros exemplos. Mas já pensou de qual maneira de contar histórias você gosta mais? E, mais importante, já pensou por que você gosta mais de uma e não de outra? Seja qual for a resposta, sem dúvidas é necessário saber do que se trata antes de fazer escolhas. Para isso, é preciso conhecer um pouco dessas “maneiras de contar”, ou seja, um pouco mais dos gêneros textuais. E nós vamos lhe ajudar a conhecer um pouco mais sobre eles para que você tome as próprias decisões! Vamos lá!

Você já conhece alguns gêneros textuais, certo? Pense no que você está descobrindo sobre *Deu a louca no mundo*. A obra tem uma narrativa longa e escrita em prosa, não em verso. Não é em quadrinhos, não é um poema e também não é uma música. A história se passa em lugares que poderíamos visitar, mas também há um lugar exótico, imaginado pelo autor da obra e que só vai existir na nossa imaginação. Não é um relato, uma notícia nem um diário.

Seus personagens poderiam ser animais, como nas fábulas, mas são humanos. Alguns são como a gente, mas outros, talvez, não se pareçam com nenhuma pessoa que conhecemos até agora. E, quanto mais personagens a gente conhece, como no caso de *Deu a louca no mundo*, que tem vários personagens diferentes, mais a gente pode pensar “Será que eu faria isso?”; “Como ela

não percebeu?” etc. Não é uma fábula nem uma novela, pois há mais personagens do que em uma novela.

Outra informação que nos ajuda a entender mais sobre o gênero de *Deu a louca no mundo* é que os personagens vivem uma jornada em situações de sobrevivência, enfrentando desafios que exigirão ações de grande coragem, doação, criatividade, entre outros valores que determinarão o ritmo e o sucesso da aventura. Percebeu? Parece com coisas que acontecem em outras histórias, de um bruxo, ou de um anel, ou... tantas outras. Algumas têm até super-heróis que fazem coisas fisicamente impossíveis, mas esta é uma outra conversa.

Diante dessa breve explicação, você já percebeu que estamos diante de um **romance de aventura**. Desde a base dos Natos, em Fernando de Noronha, ao fictício e longínquo Sereniquistão, passando por Estocolmo (Suécia), Madri, Roma e Nova York, o enredo se desenrola entre o real, o familiar e o fictício, exótico. Mano-Loque e os Natos enfrentam sua jornada, passando por diversos lugares e diferentes culturas que não fazem parte do cotidiano deles e para os quais você também é transportado. Ao mesmo tempo, a obra traz tudo isso para seu cotidiano também. Vai dizer que você nunca pensou: “Nossa, essa pessoa parece o personagem tal”; “Esse casarão me lembra tal coisa” etc.

Encaixando tudo isso na nossa discussão, para o professor Massaud Moisés, grande estudioso de literatura, os romances são a criação literária que mais representa aquilo que acontece no mundo. Um exemplo bastante ilustrativo em *Deu a louca no mundo* é a descrição tanto dos efeitos do gás do ridículo sobre as influentes celebridades como das diferentes reações do público.

Observe isso quando chegar nessa parte. O gás do ridículo talvez não exista, mas atitudes ridículas... Aos montes, não é mesmo? E tão “aos montes” que nossa época criou um gênero textual só com base no ridículo, no sarcasmo e na ironia: os *memes*, que são imagens, vídeos ou *gifs* engraçados que viralizam na internet por meio das redes sociais.

Em *Deu a louca no mundo*, esse é apenas um dos muitos temas que você pode discutir e que vão lhe transportar ou lhe fazer olhar de outra forma para aquilo que acontece no mundo e em seu contexto. Você já tinha pensado que um livro pode, ao mesmo tempo, além de divertir, nos fazer parar para pensar, estimular nossa imaginação e até melhorar nossa maneira de conviver com as pessoas? Nós pensamos muito nisso e gostaríamos de lhe convidar a experimentar.

Em um romance de aventura, a conclusão da jornada de desafios é, normalmente, compensada com significativas mudanças espirituais ou até mesmo materiais que garantam a volta dos personagens a suas vidas cotidianas, mas não anula a possibilidade de novas aventuras. Em outras palavras, quem enfrenta a jornada termina diferente, melhor e ainda disposto a buscar novos desafios. Vamos nessa?



Os temas em *Deu a louca no mundo*

TEMAS: Aventura, mistério e fantasia; Ética, sociedade e cidadania.

Deu a louca no mundo é uma obra muito complexa, na qual muitos assuntos se entrecruzam. Nela, vemos adolescentes, em meio a conflitos próprios da fase em que vivem, descobrirem não só como funcionam a sociedade e a política, como também que eles são parte da construção cotidiana da cidadania. Assim, entre os muitos temas que reconhecemos em Deu a louca no mundo, gostaríamos de conversar um pouco mais com você sobre alguns deles.

Terrorismo

No fim da primeira década dos anos 2000, quando a primeira edição de *Deu a louca no mundo* foi publicada, a população mundial ainda vivia os efeitos da “guerra ao terror”, uma iniciativa liderada pelos Estados Unidos em resposta aos ataques de 11 de setembro de 2001. Vamos por partes!

Em 11 de setembro de 2001, dois aviões comerciais foram sequestrados em pleno voo e conduzidos à cidade de Nova York, nos Estados Unidos. Nessa cidade, ficava o *World Trade Center*, um complexo comercial de duas torres muito importante para a economia daquele país e, conseqüentemente, para a economia global. Os aviões foram lançados contra as torres do prédio, causando sua destruição e a morte de mais de 3 mil pessoas, além de vitimar outras milhares. Outros dois aviões também foram sequestrados: um deles foi lançado contra o Pentágono, sede do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, e o outro caiu em um campo aberto, depois que alguns passageiros tentaram retomar o controle da aeronave.

Em resposta aos atentados, o então presidente dos Estados Unidos tomou uma série de medidas, muitas controversas e unilaterais, ou seja, sem a aprovação de outras nações. Essas medidas, por exemplo, justificaram a invasão e a ocupação de alguns países pelos Estados Unidos, violação dos direitos humanos e condenação de pessoas sem um julgamento justo. Elas também resultaram na prisão e na morte de alguns terroristas.

Diferentes estudiosos avaliam tanto os ataques terroristas como as respostas a eles e, certamente, há muito mais para se discutir e aprender em relação ao terrorismo, suas motivações e que reações e efeitos ele provoca em diversas sociedades, inclusive a brasileira. Segundo o estudioso Leandro Carvalho, em um artigo publicado na internet, “[é] mais que necessário a sociedade compreender as ideologias que movem as práticas terroristas e os discursos construídos sobre essas práticas”.

Afinal, estamos falando de um assunto cuja origem, segundo alguns estudiosos, remonta ao século I d.C., há 1 900

anos. De lá para cá, o terrorismo assumiu muitas formas e ainda se discute o que pode ou não ser considerado terrorismo. Entre suas manifestações, por exemplo, temos os grupos separatistas, as máfias, os grupos religiosos extremistas, as ditaduras, entre outras.

Em *Deu a louca no mundo*, esse assunto tão sério é abordado com muita habilidade, oferecendo a todos nós, leitoras e leitores, a chance de refletir e o estímulo para aprender mais por meio de uma história cheia de mistérios e aventuras. Ah, e também algumas atitudes bem “ridículas” e engraçadas, porque aprender também é diversão. Por falar nisso, você já pensou em como não só os livros, mas também a música, a internet e o cinema, entre outros, nos fazem pensar em coisas diferentes e até influenciam algumas de nossas atitudes? É disso que trataremos na próxima parte deste material.

Celebridades, influencers e seguidores

Imagine um contexto de tensão política e social provocada por um problema que afeta de alguma maneira toda a população mundial, independentemente de idade, sexo, classe social ou nacionalidade. Agora, pense nas possíveis ações das autoridades responsáveis, cada uma defendendo seus interesses, com o discurso de restabelecer a ordem, evitar uma catástrofe, salvar o planeta, entre outros. Por fim, considere o efeito das redes sociais e o papel dos influenciadores, sejam celebridades de alcance nacional ou internacional, sejam líderes de grupos menores que podem, contudo, determinar o rumo dos acontecimentos.



Por acaso você pensou na pandemia de covid 19? Nós também, mas não somente. Por exemplo, entre os inúmeros cenários possíveis, pode estar um atentado terrorista, uma crise financeira de alcance mundial ou o enredo de um livro. Na mesma época da primeira publicação de *Deu a louca no mundo*, a economia global enfrentou uma grande recessão, que gerou tensões, afetou toda a população mundial e provocou reações de autoridades, estudiosos, celebridades e “influenciáveis”.

Obviamente, a participação dos influenciadores, principalmente os digitais, ocorria de maneira diferente como seria poucos anos depois, mas não é difícil imaginar ou se lembrar de uma modelo, uma apresentadora de tv, um jogador de futebol ou um líder religioso oferecendo comentários sobre uma situação qualquer. Nem é um grande desafio prever a maior parte das reações daqueles que seguem os formadores de opinião, certo? O autor de *Deu a louca no mundo*, conviveu com celebridades por muitos anos como produtor de programas televisivos de grande audiência e reproduziu no livro, às vezes mais seriamente, outras com doses de muito bom humor, um pouco de sua experiência.

E, por falar em experiência, achamos que você provavelmente sabe sobre *influencers*. É só um palpite.

Será que alguém que você conhece ou você mesmo é um *influencer*? Ou será que são seguidores? Conversem sobre isso e você vai perceber que quanto mais gente nos influencia, mais aprendemos a não ser mal influenciados. Duvida? Dê uma olhadinha na próxima seção, que fala de “liberdade”.



A liberdade (e seu controle)

Alguma vez já passou pela sua cabeça a ideia de que você poderia ter mais liberdade ou que poderiam existir menos regras? Todos nós já pensamos em regras, leis e obrigações. E ainda bem que elas existem! Já pensou em como seria a sociedade se todo mundo só fizesse o que tem vontade? Por outro lado, o autor de *Deu a louca no mundo* imaginou um cenário em que todos acabariam controlados por um *nano chip*. Imagine um *chip* muito menor do que o menor *chip* dos *smartphones* mais modernos informando cada um de seus passos. E, pior, ele ficaria armazenado em seu cérebro e seria impossível retirá-lo!

Sem dar muitos *spoilers*, esse chip estaria em um líquido que seria ingerido sem que as pessoas sequer imaginassem as reais consequências. A propósito, você notou que falamos do “Sereniquistão”, um país inventado pelo autor de *Deu a louca no mundo*? Misturando fantasia e realidade, esse país fictício está ligado na história ao cultivo de uma planta que existe no mundo real: a papoula. Dos frutos da papoula, extrai-se a matéria-prima para alguns medicamentos e também para a produção ilegal de drogas como ópio e heroína. Essas drogas produzem dependência e levam à decadência física e intelectual.



Percebeu? Quem é dependente nunca está livre. O controle da liberdade, ou mesmo perdê-la completamente, aparece de maneiras diferentes na obra *Deu a louca no mundo*. Por sorte, você que está lendo este material tem uma professora ou um professor para conversar sobre esse e outros assuntos. Às vezes, a gente pode até esquecer, mas na escola aprendemos muito sobre escolhas. E quem faz boas escolhas fica mais perto de ser livre.

A vaidade

Ah, e por falar em escolhas, é na adolescência que começamos a perceber a quantidade de escolhas que teremos pela frente. Consequentemente, começamos a perceber também nossas responsabilidades e como nossas ações afetam a nós mesmos e às pessoas com quem convivemos em casa, no bairro e na escola. Da mesma maneira, passamos a refletir cada vez mais sobre o contrário: como somos afetados pelos outros. Como disse Mestre Alceu, ao conversar com os Natos sobre não imitar alguém só porque é famoso, “devemos é descobrir as muitas habilidades que temos e sequer imaginamos. E, para isso, temos de buscá-las no nosso coração.”

Sim, tem razão, já falamos sobre influenciadores antes. Também já falamos da perda da liberdade por diferentes razões. Só que dessa vez vamos tocar em um assunto muito discutido em *Deu a louca no mundo* que tem a ver com habilidades, escolhas e influências. Vamos falar de vaidade.

Primeiro, vamos tentar entender um pouco melhor o que

significa a palavra “vaidade”. Segundo a definição do dicionário *Michaelis on-line*, “vaidade” tem, pelo menos, quatro sentidos:

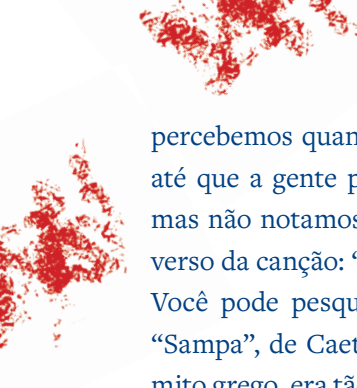
1. Qualidade ou característica do que é vão.
2. Apreciação exagerada dos próprios méritos; jactância, pomada, presunção.
3. Ostentação das próprias qualidades físicas ou intelectuais, para ter a admiração de outras pessoas.
4. Qualquer coisa que denote futilidade.

DICIONÁRIO brasileiro da língua portuguesa
Michaelis on-line. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/vaidade/>. Acesso em: 9 jul. 2022.

Às vezes, pode parecer difícil enxergarmos nossas próprias habilidades ou entender o que faz algumas habilidades serem mais valorizadas do que outras e, por isso, achamos que o que sabemos fazer é menos importante, útil ou legítimo. E, então, passamos a esconder o que somos ou tentamos ser como as outras pessoas, tentamos fazer o que elas fazem, vestir o que elas vestem etc. Somos influenciados porque queremos ser admirados.

Por outro lado, podemos exagerar ao demonstrar as próprias habilidades, ficamos nos exibindo, nos gabando e até menosprezando (e afastando) outras pessoas. Nem sempre





percebemos quando isso acontece, mas pode ocorrer. Pode ser até que a gente perceba que outra pessoa esteja fazendo isso, mas não notamos quando somos nós que fazemos. Lembra do verso da canção: “É que Narciso acha feio o que não é espelho”? Você pode pesquisar depois se não se lembrar. É da canção “Sampa”, de Caetano Veloso. Narciso, segundo uma versão do mito grego, era tão belo e vaidoso que se apaixonou pelo próprio reflexo na água e definhou porque somente sua imagem refletida o interessava.

Você sabe que os mitos são repletos de simbologia e não devem ser interpretados ao pé da letra. Mas vale pensar que, por conta da vaidade, podemos nos deixar levar e fazer coisas que nem sempre têm as melhores consequências para nós e os outros. Como dissemos, muitas serão as escolhas e, com elas, as responsabilidades e consequências. Quem sabe se você escolher ler *Deu a louca no mundo* você não possa entender melhor tudo isso que dissemos até aqui e muito do que se passa aí, dentro de você?



Este livro é composto
em Freight Text Pro e
Freight Sans Pro.

